



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

18 | 2016

Ponto Urbe 18

Música, máquinas e humanos

Tarsila Chiara Albino da Silva Santana



Electronic version

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3168>

DOI: 10.4000/pontourbe.3168

ISSN: 1981-3341

Publisher

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Electronic reference

Tarsila Chiara Albino da Silva Santana, « Música, máquinas e humanos », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, Online since 07 August 2016, connection on 04 May 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3168> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3168

This text was automatically generated on 4 May 2019.

© NAU

Música, máquinas e humanos

Tarsila Chiara Albino da Silva Santana

REFERENCES

BACAL, Tatiana. Música, máquinas e humanos: os djs no cenário da música eletrônica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012, 176 p.

- 1 Originalmente escrito como uma dissertação de mestrado em antropologia¹, o livro “Música, máquinas e humanos” de Tatiana Bacal faz um rico debate em torno da música eletrônica, particularmente das mudanças a respeito da figura do deejay, que saiu de um certo anonimato nas festas para assumir a posição de “artista no cenário musical”. Desta forma, ao falar dessas transformações, a autora apresenta a relação da música eletrônica com a tecnologia, sendo esta última uma importante ferramenta para compreender o processo de modificação nos trabalhos desempenhados tanto por deejays quanto por produtores musicais.
- 2 Utilizando-se de uma abordagem etnográfica, a autora busca acompanhar diferentes deejays em suas apresentações, trazendo para o leitor uma visão mais ampla e diversificada de alguns gêneros da música eletrônica. Gêneros estes que resultam em diferentes performances do deejay e de suas interações com o público e com a máquina, no caso, com as pick-ups. Ao trazer a discussão da música eletrônica para os espaços de sociabilidade urbana, a autora levanta importantes questões a respeito da espacialidade e de como os lugares onde essas músicas são tocadas, enquanto fatores relevantes para a análise. Como a musicalidade das *raves* que são diferentes da musicalidade dos clubes, por exemplo.
- 3 No primeiro capítulo, a autora faz um breve histórico sobre a origem da música eletrônica, trazendo à luz um debate entre a música erudita e popular e de como a tensão entre as músicas consideradas de “concerto” e aquelas consideradas “popular”, transformam o cenário musical. Sendo o estilo musical do rock um importante meio para o diálogo entre o estilo popular e o erudito ao levar para o palco elementos como

sintetizadores e iluminação psicodélicas. A exemplo do punk rock, considerado um estilo mais “underground”, nos anos 1990, que teve grande influência na cultura *rave/club*. Outro importante ponto destacado pela autora é em relação aos “modos de sociabilidade” proporcionados por esse estilo musical “feito para dançar”, sendo a música eletrônica, em seus mais variados estilos, um estilo pulsante e envolvente das pistas de danças de espaços de sociabilidade urbana como o clube *Shoom* (1987) em Londres e a boate *Hell's* (1999) em São Paulo. Importante ressaltar que os estilos *acid house* e *tecno* na Europa eram associados a um público heterossexual, enquanto no Brasil foram primeiramente associados a um público GLS, assim os espaços de sociabilidade urbana relacionados a música eletrônica são importantes para criação de um estilo de vida específico de seus frequentadores.

- 4 No segundo capítulo, a autora, ao trazer para a cena as discussões entre o local e global e seus reflexos na construção de uma música eletrônica, faz um rico debate a respeito do “processo de hibridação”. Desta forma, a música eletrônica é pensada e desenvolvida com base em misturas de diferentes fluxos culturais. A autora, a partir da discussão entre local e global, afirma que é mais apropriado se referir à cena musical eletrônica como um fenômeno “glocal”, sendo a mistura de batidas do *drum'n bass* com ritmos considerados “autenticamente brasileiros” a prática utilizada por *deejays*, produtores musicais e compositores de diversas áreas.
- 5 Utilizando-se de um rico material etnográfico, a autora debate a respeito da “música eletrônica no Brasil” e da “música eletrônica brasileira”. No caso da música eletrônica brasileira, teríamos uma mistura das *pick-ups* com elementos característicos da bossa nova, a exemplo da parceria entre Fernanda Porto e *deejay* Patife, que resultou numa versão mais dançante da música “Só tinha que ser com você”, com a introdução de ecos e encurtamento de palavras. Outro exemplo mencionado pela autora é do *deejay* Dolores, que ao apostar na extinção do dilema entre regional versus universal troca o uso do termo “mistura” pelo “contraditório?”, buscando assim um diálogo com a tradição, mas fugindo de uma reverência a esta. Há assim um deslocamento do ouvir para o dançar, sendo a sonoridade aspecto central. Se para alguns *djs* e produtores é possível afirmar que no Brasil há uma música eletrônica tipicamente brasileira, para outros entrevistados isso seria mais “macumba para turista”. E sendo assim, não é suficiente afirmar que exista uma música “tipicamente brasileira”, mas sim, “sampleado da música eletrônica brasileira”; isto posto, seria mais apropriado chamar de música eletrônica no Brasil.
- 6 A relação feita com o processo de composição dessas músicas é outro ponto interessante tratado pela autora. Fazendo um importante debate a respeito de aspectos como “originalidade”, “tradução”, “reciclagem” e “hibridismo”, a autora lança luz para um debate baseado em teorias de Bruno Latour, Homi Bhabla, entre outros, no qual busca demonstrar como se dá o processo criativo nas composições dessas músicas, assim como os remix dão origem a outros remix.
- 7 No terceiro e último capítulo, a autora trata da relação dos *deejays* com os espaços em que tocam e de como a temporalidade é fundamental para composição de suas performances musicais. A autora mergulha de forma etnográfica ao acompanhar esses *deejays* em suas performances e ao descrever os relatos da interação dos *deejays* no meio à qual estão situados, ela proporciona ao leitor uma melhor compreensão do universo em questão. Qual momento da festa vai tocar, qual o público presente, quais os estilos dos *deejays* que irão tocar na noite são, na análise da autora, fundamentais para que *deejays* possam compor suas performances.

- 8 No Brasil os estudos sobre música vêm ganhando espaços nos congressos acadêmicos em ciências sociais, porém, de maneira muito tímida se comparado a outros objetos de pesquisa. A etnomusicologia e os estilos considerados mais “tradicionais”, como o forró e o samba, geralmente têm seus estudos relacionados a construção cultural de determinadas culturas. Com isso, Tatiana Bacal, ao pesquisar a música eletrônica e ao percorrer por uma discussão que passa pelos debates sobre tecnologia, fluxos, apropriação, globalização, vem contribuindo com os estudos antropológicos sobre a música.
- 9 Nesse sentido, o presente livro nos apresenta com uma instigante pesquisa que parte do universo no qual a figura do *deejay* e dos compositores musicais são centrais para expandir e proporcionar uma análise mais aprofundada a respeito da música eletrônica e o meio a qual esta faz parte. Assim, acredito ser esta obra uma importante contribuição que poderá possibilitar ao leitor um mergulho no debate atual a respeito do local e global, pois é um importante estudo que auxilia o leitor para questionar e se aprofundar nos estudos sobre musicalidade. É, por fim, também uma importante contribuição para os estudos sobre música eletrônica, tecnologia e sociabilidade urbana.
-

NOTES

1. Dissertação de mestrado, defendida em 2013, no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. Otávio Velho.

AUTHOR

TARSILO CHIARA ALBINO DA SILVA SANTANA

Mestranda em Antropologia Social do PPGAS/UFRN

Pesquisadora do NAVIS da UFRN

Bolsista CAPES

Tarsila.chiara@gmail.com